Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Rádio Interna – As Longas Ondas da Criatividade Universitária[1]

Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, Universidade de Santo Amaro e Faculdades Associadas Oswaldo Cruz – Faiter.[2]

Resumo
Em um cenário permeado pelas inter-relações digitais no qual ainda figuram as discussões sobre questões essenciais como a efetivação das rádios comunitárias regulamentada pela Lei da Radiodifusão Comunitária (Lei 9.612 de 1998), a experiência das rádios em circuito fechado, tanto em instituições de ensino fundamental e médio quanto universitário; tem se revelado como um importante instrumento para a construção de um processo pedagógico mais dinâmico e para a preparação destes alunos para o efetivo exercício da cidadania. Nas instituições de ensino superior a presença destas ´rádios' é cada vez maior e tem despertado o interesse de diferentes segmentos da sociedade. Mas é nos alunos e na comunidade (inserida como voz ativa) que este projeto revela seu maior potencial.

Palavras-chave

Rádio Interna; Comunidade; Cidadania; Criatividade

Corpo do trabalho

Rádio Interna – As Longas Ondas da Criatividade Universitária

A mesma lógica que norteou a produção em série da Revolução Industrial permeou e determinou o que os teóricos da comunicação chamaram de Indústria Cultural. Trata-se da lógica da emissão que determina papéis claros e fixos para um modelo de comunicação; que visa a eficácia da mensagem e a conquista do receptor – consumidor.

Neste modelo a ênfase recaiu na produção à exaustão de mensagens, sinais, signos. Foram criados aparatos eletrônicos que garantissem a eficácia da transmissão de informações: dos sinais do telégrafo, da emissão de som através da telefonia e mais tarde do rádio, da imagem e do som da televisão até a tela do computador.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de informação passamos do contexto da Industrialização e da Urbanização para a sociedade dos serviços, das linguagens e dos

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

[2] Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, Radialista, Mestre em Comunicação e Semiótica, autora do livro: Rádio - A Oralidade Mediatizada publicado pela Annablume, coordenadora do Circuito Interno de Rádio na Fac. Oswaldo Cruz há 08 anos, Produtora Executiva do Programa Solidários - veiculado pela Rádio América São Paulo em 2004, professora universitária há 12 anos. julira@uol.com.br.

processos. Como conclui o pesquisador Mauro Wilton de Sousa Souza a comunicação deixa de ser apenas mediática e coletiva para se tornar digital, (...) baseada não mais na representação, mas na simulação, no performático e no visual.

Neste contexto de multimídias, de convergências de linguagens e da supremacia da tela como diz Paul Virilio (1993), desejo destacar dois aspectos. O primeiro é que as novas tecnologias da informação além de instaurarem um novo modo de comunicação entre os mídias e os "receptores", estabelecem novas formas de nos relacionarmos em sociedade, ou seja, de forma fragmentada, virtualmente coletiva, de encontros virtuais que suspendem o espaço e comprimem o tempo.

Assim como explica a pesquisadora Maria Cristina Castilho Costa as relações interpessoais se vêem cada vez mais intermediadas por relações simbólicas midiáticas. Falamos com os outros mais pelo telefone do que pessoalmente, tomamos conhecimento do mundo pela imprensa e assistimos à vida passar pela tela da TV, viajamos através do fax e navegamos pela Internet.

O segundo aspecto é de que se há algumas décadas a pedagogia se mantinha divorciada dos meios de comunicação, com as novas tecnologias da informação esta "autonomia" não se sustenta mais. Com as inovações tecnológicas digitais - no campo da comunicação os instrumentos de lazer e de conhecimento convergiram em um mesmo aparato, o computador.

A revolução digital une o lazer ao trabalho, o texto escrito ao audiovisual, a ciência à arte, o entretenimento à pesquisa. Desta forma podemos dizer que a formação do cidadão desta sociedade passa pela compreensão dos mecanismos de construção de sentido das diferentes mídias e de suas linguagens.

As experiências pedagógicas que introduziram os meios de comunicação no ambiente escolar com a perspectiva construir junto com o aluno não só uma visão crítica, mas condições de expressar-se através de imagens, sons e textos são cada vez mais presentes e necessárias.

Neste percurso, a apreensão das técnicas de produção seja do rádio, da televisão ou das suas versões na WEB não se apresenta como um obstáculo para os jovens de hoje. No entanto, alfabetizados pela televisão como diz o poeta concretista Décio Pignatari, o acesso às tecnologias da comunicação por si só não garantem que as produções dentro

do ambiente das instituições de ensino não sejam reproduções dos modelos de comunicações verticais, ou seja, no qual Emissor e Receptor não interagem de forma efetiva e concreta.

É neste processo que a parceria Educação-Comunicação se revela imprescindível, mas dentro de um ambiente sócio-cultural onde a valorização pedagógica recaia sobre o indivíduo, sua história e suas necessidades e a concepção de comunicação não se restrinja ao meio/aparato e sua técnica, mas leve em consideração que toda comunicação inicia e termina no corpo como esclarece o cientista da comunicação alemão Harry Pross (1976).

Esta concepção de que, os corpos estão antes e depois das máquinas, e, que encontra respaldo nos conceitos de Jesús Martin-Barbero (1997) que entende a comunicação como uma questão cultural e não só ideológica, uma questão de sujeitos, atores e não só de aparatos e estruturas, e, finalmente como uma questão de produção e não só de reprodução, são os subsídios necessários para que as práticas comunicacionais dentro das escolas e universidades sejam efetivamente de comunicação.

Dentre as experiências que se tem notícia da inclusão das tecnologias e dos meios de comunicação dentro do ambiente escolar, o Rádio tem despertado interesse especial. Mas porquê Rádio ? Em plena era da interface da tela, como mencionamos, quais são os atrativos que seduzem os estudantes de hoje mediante um veículo que chegou ao Brasil nos anos 20 ?

Baixo custo de implantação, simplicidade no manuseio dos equipamentos e na produção são fatores relevantes, mas não sustentam o interesse de jovens habituados à dinâmica dos meios de eletrônicos e digitais.

No entanto, se considerarmos a versatilidade, a agilidade, a abrangência e a capacidade de efetiva interação aliada ao potencial sedutor e instigador de um texto essencialmente sonoro que suspende a imagem e instiga a imaginação, teremos algumas pistas do porquê o rádio figura como o primo rico entre estas e outras práticas pedagógicas.

Também não poderia deixar de mencionar que o fato de sermos resultado de um caldeirão de etnias e de a escritura ter sido introduzida tardiamente em nossa cultura, as manifestações orais mediatizadas ou não, apresentam uma forma de expressão absolutamente particular, “audiotátil” e “em cores” que contagia os corpos como pontua o maestro Júlio Medaglia (1978).

A pesquisadora Zeneida Alves Assumpção (1999:48) relata a experiência do Programa "Radioteca Jovem" produzidos por professores e alunos de 5ª a 8ª série do ensino de primeiro grau, na faixa etária de 11 a 16 anos das escolas-pólo do Rio de Janeiro em 1985. O programa fazia parte do projeto "Os Meios de Comunicação nas Escolas" cujo principal objetivo era possibilitar que professores e alunos se reconhecessem como atores do processo pedagógico.

Recentemente e de forma mais ampla um outro projeto ganhou adesão e destaque tanto por parte das escolas como dos pesquisadores e da mídia, trata-se do Educom.rádio. Um projeto iniciado em 2001 através da parceria entre o NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e o Projeto Vida da Secretaria de Educação Municipal de São Paulo.

Dentro da perspectiva de criar um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz e à colaboração mútua entre os membros da comunidade educativa, combatendo, desta forma, as manifestações da violência, tanto física quanto simbólica; o rádio novamente foi eleito.

Até o final de 2004, 455 escolas do município paulista participaram do projeto desde de o processo de capacitação dos professores e alunos que incluiu tanto a discussão da inter-relação educação e comunicação, e portanto, de como é possível promover diferentes modos de comunicação na prática educativa; até a montagem de equipamentos, produção e veiculação de programas radiofônicos.

Estas e outras experiências da "exploração" do Rádio não apenas como tecnologia educativa, ou como objeto de análise, mas principalmente como meio de expressão e de produção cultural têm ganhado a atenção não só de pesquisadores, mas da própria mídia e da sociedade como um todo. Em abril do ano passado o projeto Educom.rádio ganhou espaço nos meios eletrônicos ao participar da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes realizada no Rio.

No encontro, 150 representantes (12 a 18 anos) de vários paises mostraram experiências com veículos de comunicação. Dentre os participantes brasileiros, cinco foram do Educom.rádio que ao lado de jovens da Venezuela e da Inglaterra ministraram *workshops* sobre rádio no evento.

Escolas que não pertencem à rede púbica de ensino fundamental de diferentes estados implantam projetos pedagógicos tendo o rádio e sua linguagem como "ferramenta" de produção de conhecimento. Em 2003 o colégio particular Assunção nos Jardins (São

Paulo) desenvolveu um trabalho pedagógico com e a partir do rádio com alunos da segunda série do ensino fundamental.

E se a relação estreita entre Educação e Comunicação tem ganhado espaço e relevância nos currículos escolares dos ensinos fundamental e médio, principalmente através das ondas do rádio, o que podemos dizer das Escolas de Ensino Superior ?

A experiência de rádios em circuito fechado dentro das instituições de ensino superior é cada vez maior e tem despertado o interesse de diferentes segmentos da sociedade.

De acordo com levantamentos da Shiny Comunicação e Eventos, empresa que trabalha especificamente com mídia estudantil desde 1997, somente em São Paulo há cerca de 21 instituições de ensino superior com rádios em circuito interno. Um número que desperta interesse de diferentes setores da sociedade. Exemplo disto é que em agosto do ano passado, entre os dias 27 e 29, a Gravadora Trama realizou o I Encontro de Mídia Universitária.

No evento, que reuniu representantes de 70 universidades de diversos estados, foi lançado um projeto de integração nacional de diferentes mídias, além do rádio. A partir da criação de uma rede de comunicação entre entidades e estudantes, e da realização de diversos eventos como shows e palestras; o projeto permitiu à gravadora ampliar e marcar seu espaço de atuação no mercado.

Mas é com os alunos e a comunidade (inserida como voz ativa) que este projeto de rádio em circuito interno revela seu maior potencial. Para os futuros profissionais ela abre espaço não só para a prática e experimentação da linguagem radiofônica, mas para a vivência e a constatação do potencial mobilizador e democrático deste meio abrangente e intimista. A comunidade, quando de fato sensibilizada, torna-se co-autora de um processo no qual geralmente ocupa a função de receptor.

Há sete anos coordenando uma rádio em circuito interno em uma instituição de ensino superior particular penso que o maior desafio reside em construir um ambiente comunicacional.

Para explicar tal dificuldade, parto do conceito de ecossistema, como um conjunto constituído por um grupo de seres vivos de diversas espécies e por seu meio ambiente natural. É estruturado por interações entre seres vivos que exercem uma troca de energia uns sobre os outros e que interagem com seu meio.

Dentro da realidade dos circuitos internos de rádio dentro penso que os entraves que dificultam o desenvolvimento deste ecossistema comunicacional se consolidam principalmente em três pontos:

1 – Quando a faculdade ou universidade aceita a implantação e o desenvolvimento de uma rádio em circuito interno, mas limita a sua participação como receptor-mecenas.

2 – Quando o corpo docente não se envolve direta ou indiretamente.

3 – Ou ainda quando os próprios alunos e professores participantes do projeto não conseguem vislumbrar o rádio como um meio de trocas através do qual quem ouve também pode e deve assumir o posto de ator deste processo de comunicação, ou ainda quando estes mesmos participantes se revelam preocupados em veicular conteúdos, reproduzindo a mesma estratégia funcionalista que determina e reserva papéis de emissão e recepção, como falamos anteriormente.

Portanto, o desafio reside em construir este ecossistema, ou seja um espaço, que não é necessariamente físico, cujas relações são norteadas por vínculos entre indivíduos que se reconheçam como atores de uma prática comunicativa, e, conseqüentemente como responsáveis pela sustentabilidade do projeto em si. Porque como nos diz o professor Ismar não basta fazer rádio, é preciso fazer rádio de forma participativa envolvendo todos os atores: professores, alunos e comunidade.

Referências Bibliográficas

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. 1999**. Radioescola: uma proposta para o ensino de Primeiro Grau**. São Paulo: editora Annablume.

COSTA**,** Maria Cristina Castilho . **Educomunicador é preciso!** http// www.eca.usp.br/nucleos/nce**.**

SOUSA, Mauro Wilton de**. O Lugar Social da Comunicação Mediática.** http// www.eca.usp.br/nucleos/nce.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1997. **Dos Meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia**, Rio de Janeiro, EdUFRJ.

MATTOS, Laura. 2003. **Geração Internet Aprende com o Rádio**. Folha de São Paulo 08 de outubro de 2003.

MEDAGLIA, Júlio. 1978. **As Ondas Longas da Criatividade Brasileira**. Revista Através, número 03. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

PROSS, Harry e BETH, Hanno.1976. **Introduccion a la Ciencia de la Comunicación**. Tradução de Vicente Romano. Barcelona: Anthropos.

SILVA, Júlia Lúcia de O A . 1999. **Rádio: A Oralidade Mediatizada O Spot Publicitário e os Elementos da Linguagem Radiofônica**. São Paulo: editora Annablume.

SOARES, Ismar Oliveira. 2003. **Rádio, Democracia e Educomunicação**. Boletim Educomunicador, número 16. http// www.eca.usp.br/nucleos/nce.

VIRILIO, Paul. 1993. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. São Paulo:editora 34.